



UnB

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
INSTITUTO DE LETRAS-IL
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS – TEL

PRISCILA SIQUEIRA MELO

NAUFRÁGIO DAS ILUSÕES: UMA RELEITURA DE BALZAC NA ERA DIGITAL

Brasília- DF

2018

PRISCILA SIQUEIRA MELO

NAUFRÁGIO DAS ILUSÕES: UMA RELEITURA DE BALZAC NA ERA DIGITAL

Trabalho de conclusão de curso apresentado à disciplina Monografia em Literatura como requisito para a obtenção dos títulos de Bacharela e Licenciada em Letras Português pela Universidade de Brasília.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Laura dos Reis Corrêa.

Brasília-DF

2018

PRISCILA SIQUEIRA MELO

NAUFRÁGIO DAS ILUSÕES: UMA RELEITURA DE BALZAC NA ERA DIGITAL

Trabalho de conclusão de curso apresentado à disciplina Monografia em Literatura como requisito para a obtenção dos títulos de Bacharela e Licenciada em Letras Português pela Universidade de Brasília.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Laura dos Reis Corrêa.

Data da aprovação:

Profa. Dra. Ana Laura dos Reis Corrêa

Universidade de Brasília

AGRADECIMENTOS

À professora Ana Laura, o conhecimento e a solicitude.

Aos meus pais, a contribuição e o amor.

Ao meu namorado e melhor amigo, Diego, a paciência, a colaboração e o afeto.

Às minhas amigas, Carol e Fernanda, o companheirismo e as boas risadas.

“É difícil ter ilusões sobre qualquer coisa em Paris. Aqui há impostos para tudo, vende-se tudo, fabrica-se tudo, até mesmo o sucesso.”

(Honoré de Balzac)

RESUMO

Este trabalho busca situar as discussões literárias enfatizadas em *Ilusões Perdidas*, de Balzac, a partir do antagonismo entre burguesia e aristocracia, bem representado por meio das vivências dos personagens Lucien e Anaís, nas relações, configurações e contradições suscitadas através da ascensão do mundo digital.

O século XXI é marcado pelo avanço da internet e pela intitulada “Revolução Digital” que trouxe modificações significativas para a vida da sociedade. Conceitos como “influenciadores digitais”, “redes sociais”, “curtidas” e “seguidores” foram inseridos e ressignificados nos ambientes virtuais e reais. Além disso, a criação dos “influenciadores” da era digital acabou por criar uma espécie de ilusão de vida “perfeita” e “livre”, a qual as “pessoas comuns”, ou seja, as influenciadas por estes, almejam e lutam para alcançar. Mas até que ponto a liberdade ostentada por esses indivíduos realmente se mostra eficaz? Seria essa mais uma das características que reforça a visão deformada advinda do capitalismo? Tem-se, neste caso, um exemplo nítido da reificação e do fetichismo? A ligação “humanizadora” que as redes sociais tentam promover seria apenas um reflexo não artístico e banal da sociedade vigente? Pode-se dizer que a realidade do século XXI é uma atualização das descrições de Balzac e que naquela se vivem as mesmas contradições e conflitos internos que os personagens do romance vivenciaram? A vida pública da Sra. de Bargeton pode ser comparada com a “vida pública” experienciada pelos blogueiros da contemporaneidade? Como ocorre a passiva aceitação das deformações psíquicas e morais que muitas vezes são embelezadas pelos influenciadores digitais? E, afinal, qual é o papel da literatura e de outras manifestações artísticas em um mundo fragmentado e submetido às novas formas de alienação?

Palavras-chave: Literatura, Marxismo, Balzac, Revolução Digital, Lukács, Reificação.

ABSTRACT

This work seeks to situate the literary discussions emphasized in Balzac's *Illusões Perdidas*, starting from the antagonism between the bourgeoisie and the aristocracy, well represented through the experiences of the characters Lucien and Anaïs, in the relationships, configurations and contradictions raised through the rise of the digital world.

The 21st century is marked by the advancement of the internet and by the "Digital Revolution" that brought significant changes to life in society. Concepts such as "digital influencers", "social networks", "likes" and "followers" have been inserted and redefined in virtual and real environments. In addition, the creation of the "influencers" of the digital age has created a sort of illusion of "perfect" and "free" life, which the "ordinary people", that is, those influenced by them, aim for and strive to attain. But to what extent does the freedom displayed by these individuals really prove effective? Is this one of the characteristics that reinforces the distorted view of capitalism? Is there in this case a clear example of reification and fetishism? The "humanizing" connection that social networks try to promote would only be a non-artistic and banal reflection of current society? Can one say that the reality of the twenty-first century is an update of Balzac's descriptions and that in it one lives the same internal contradictions and conflicts that the characters of the novel experienced? Ms. de Bargeton's public life can be compared to the "public life" experienced by contemporary bloggers? How does the passive acceptance of the psychic and moral deformations that are often embellished by the digital influencers occur? And, finally, what is the role of literature and other artistic manifestations in a world fragmented and subjected to new forms of alienation?

Keywords: Literature, Marxism, Balzac, Digital Revolution, Lukács, Reification.

ABREVIACÕES

Ilusões perdidas – **IP**

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. ILUSÕES PERDIDAS - UMA ANÁLISE DO ROMANCE DE BALZAC	13
2.1 SENHORA DE BARGETON E O CONCEITOS DE VIDA PÚBLICA E PRIVADA	14
2.2 A DIVISÃO DOS POETAS E AS RELAÇÕES DE TRABALHO NA CONTEMPORANEIDADE: UMA RELEITURA DAS VIVÊNCIAS DE LUCIEN NA REVOLUÇÃO DIGITAL	18
3. REIFICAÇÃO E FETICHISMO: DE BALZAC AOS INFLUENCIADORES DIGITAIS	20
3.1 MARX E O PROBLEMA DA DECADÊNCIA IDEOLÓGICA BURGUESA: ALGUNS APONTAMENTOS DE LUKÁCS SOBRE QUESTÕES HISTÓRICAS E LITERÁRIAS	22
3.2 “MODERNIDADE LÍQUIDA”: UM DEBATE SOCIOLÓGICO	25
4. CONCLUSÃO	26
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29

1. INTRODUÇÃO

Este artigo está situado na área de Teoria Literária e objetiva explicar visões de mundo mais abrangentes em que se inserem as vertentes de pensamento acerca da literatura. De modo específico, busca respaldo nas noções de realismo desenvolvidas por György Lukács e nas concepções abordadas por este, assim como na tradição estética com a qual o filósofo húngaro dialoga, compreendendo a estética hegeliana e os pressupostos marxistas em relação à arte. Aqui, inclui-se a análise da magistral obra de Balzac, *Ilusões Perdidas*, considerada basilar para uma melhor compreensão dos conceitos outrora citados e das relações que serão enfatizadas no decorrer da pesquisa. Além disso, este trabalho debruça-se sobre o pensamento de autores e sociólogos contemporâneos que tratam da modernidade e dos desdobramentos desta, para, assim, se chegar a um entendimento mais amplo da Revolução Digital nos dias de hoje e seus reflexos nas diversas esferas da sociedade. Desse modo, literatura, filosofia e sociologia caminham juntas na busca de esclarecimentos acerca de fenômenos sociais que parecem se repetir em diversos momentos históricos.

Após a década de 1980 transformações significativas para a vida da humanidade foram suscitadas. A chamada “Era Industrial” passou à “Era da Informação” ou também “Era Digital”. O desenvolvimento da Internet, a eclosão das mídias digitais, tal como a criação de dispositivos eletrônicos que facilitaram o acesso a estes meios, foram cruciais para desencadear a intitulada “Revolução Digital”. Com isso, a vida e as relações sociais sofreram modificações, e o presente trabalho dedica-se à tentativa de compreender tais fenômenos por meio dos personagens enfatizados por Balzac, à luz dos estudos lukácsianos e marxistas, e dos pensamentos de Zygmunt Bauman acerca da “modernidade líquida”¹.

O *boom* das redes sociais trouxe consigo uma nova configuração e “ditou” outras formas com as quais os indivíduos passaram a lidar com os conceitos de “vida pública”, “vida privada” e “trabalho”. Tal estrutura se instituiu, principalmente, com o advento dos influenciadores digitais, estes são pessoas com um número significativo de seguidores nas redes sociais (*Instagram, Facebook, Twitter, Youtube* etc.) e que, normalmente, falam acerca de temas genéricos para o público, tais como: moda, comportamento, e cotidiano; além disso,

¹ *Modernidade Líquida* (Zahar, 2000) complementa e conclui a análise realizada pelo autor em dois livros anteriores, *Globalização: as consequências humanas* (Zahar, 1999) e *Em busca da política* (Zahar, 2000). Juntos, esses três volumes formam uma análise magistral das condições cambiantes da vida social e política nos séculos XX e XIX.

recebem e divulgam produtos das mais variadas marcas e produzem conteúdo para as diversas esferas do mercado, como o próprio conceito “influenciador” explana, com a pretensão de influenciar pessoas. Esse tipo de profissão, além de modificar o modo com que as pessoas lidam com a definição de trabalho, desencadeou uma série de ilusões sobre “ter uma vida perfeita”, principalmente na comunidade nascida pós anos 2000, que foi inserida desde muito cedo neste mundo cibernético. Fotografar tudo o que se come, filmar cada momento de um show, publicar diversas fotos de momentos do dia a dia, são algumas atitudes “comuns” da sociedade vigente. Comumente os influenciadores digitais detêm tais comportamentos justamente com o intuito de divulgarem marcas e realizarem seu trabalho de forma eficaz, além de receberem uma quantia significativa de dinheiro para isso. Entretanto, a “sociedade comum”, ou seja, as pessoas que são influenciadas por esses “produtores de conteúdo” não percebem que estão sendo manipulados e dedicam grande parte do seu dia para acompanhar a rotina das figuras públicas. Mas será que tal liberdade realmente é ostentada por esses influenciadores? Será que todas as informações pronunciadas são, de fato, verídicas? Tudo isso gira em torno das relações capitalistas? Por que, então, as pessoas se reconhecem nessas figuras? De mais a mais, no quesito trabalho, desenvolve-se a ideia de um “trabalho livre”, tendo em vista que a facilidade de acesso que a internet outorga permite que os indivíduos possam laborar a qualquer hora e em quaisquer lugares. Seria essa, então, mais uma forma de alienação e falsa aproximação que os influenciadores tentam promover?

Para o indivíduo, o espaço público não é muito mais que uma tela gigante em que as aflições privadas são projetadas sem cessar, sem deixarem de ser privadas ou adquirirem novas qualidades coletivas no processo de ampliação: o espaço público é onde se faz a confissão dos segredos e intimidades privadas. Os indivíduos retornam de suas excursões diárias ao espaço “público” reforçados em sua individualidade *de jure* e tranquilizados de que o modo solitário como levam sua vida é o mesmo de todos os outros “indivíduos como eles”, enquanto – também como eles – dão seus próprios tropeços e sofrem suas (talvez transitórias) derrotas no processo. (BAUMAN, 2001, p. 54)

Dito isso, cumpre salientar que a obra de Balzac, *Ilusões Perdidas*, dentre diversas histórias, conta sobre a vida de Lucien Chardon e de Marie-Louise-Anaïs (que se torna, *a posteriori*, a Senhora de Bargeton). Lucien, nas palavras do autor:

Se mantinha na pose graciosa dada pelos escultores ao Baco indiano. Seu rosto tinha a distinção das linhas da beleza antiga: uma fronte e um nariz gregos, a brancura aveludada das mulheres, os olhos negros de tão azuis que eram, olhos cheios de amor e cujo branco disputava em frescor com o de uma criança. (IP, 2011, p. 51)

E que, além de ser uma pessoa conhecida por sua beleza, dedicava-se à leitura de obras consagradas e à carreira de escritor. As tantas reviravoltas na vida do personagem fizeram com que ele se deparasse com o “Cenáculo”, um grupo de escritores que escreviam por amor aos feitos literários e à arte de escrever, outrora com os jornalistas da época, interessados apenas em duas coisas: francos² a qualquer custo, ainda que sua escrita implicasse em diminuir os colegas de profissão, e fama. Tal embate será pormenorizado, debatido e atualizado neste artigo.

Já Anaïs, casada com o Sr. de Bargeton – “um quarentão muito deteriorado pelas dissipações da juventude” e “acusado de ter uma notável incapacidade intelectual”, mas com “bastante bom senso para administrar sua fortuna e suficientes boas maneiras para se manter na sociedade de Angoulême” (IP, p. 64) –, era uma moça provinciana que não demonstrava tanto interesse à instituição do casamento, entretanto o fez por interesse financeiro de seu pai e o desejo de “liberdade” que fora suscitado pela possibilidade de ir morar em Paris. Mal sabia que a tal almejada liberdade se tornaria, na verdade, as “grades de uma prisão social”. Nesse sentido, este trabalho se debruçará na perspectiva ilusória de que a fama e a inserção da personagem Naïs, e, posteriormente, Sra. de Bargeton, na alta sociedade faria com que a liberdade fosse, de fato, alcançada. Além disso, será que a vida pública da Sra. de Bargeton pode endereçar o leitor à vida dos blogueiros na Era Digital?

Outro ponto a ser enfatizado acerca da obra de Balzac diz respeito à transformação da literatura em produto do capitalismo, bem como sua ligação com os dias atuais.

Na produção literária francesa da época, porém, as *Ilusões Perdidas* ocupam um lugar insubstituível, único. Balzac, de fato, não para aí, não se satisfaz com reconhecer e exprimir essa trágica ou tragicômica situação social. Seu olhar penetra camadas mais profundas, ele enfrenta problemas mais profundos. Percebe que o fim do período histórico da evolução burguesa na França é, ao mesmo tempo, o início da ascensão do capitalismo francês. Em quase todos os seus romances Balzac retrata essa ascensão do capitalismo, a transformação do artesanato primitivo no capitalismo moderno, mostra como o vertiginoso aumento do capital monetário dessangra a cidade e o campo, como os tradicionais modelos e ideias sociais batem em retirada ante a marcha triunfal do capitalismo. (LUKÁCS, 1965, p. 97)

² O **franco** é a unidade monetária (moeda) de muitos países, entre os quais se contavam antes da introdução do euro a França e a Bélgica. Foi substituído pelo euro nos países que adotaram esta moeda, mas esse não é o caso da Suíça, por exemplo, nem dos diversos países africanos que possuem variantes do franco. Disponível em <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Franco_\(moeda\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Franco_(moeda))>. Acesso em 26 de jun. de 2018.

Nesse viés, cumpre salientar algumas características da sociedade capitalista e seus desdobramentos, tendo em vista que tanto na época em que a obra foi elaborada, quanto na “modernidade líquida”, que também está no escopo da análise deste artigo, o capitalismo opera. Desse modo, na obra em questão Balzac retrata de maneira pormenorizada o modo como a literatura se transformou em, nas palavras do filósofo húngaro Lukács, objeto de troca: “do papel às convicções, às ideias, aos sentimentos dos escritores, tudo se transforma em mercadoria” (LUKÁCS, p. 97). Bem assim também na sociedade da Era Digital: a própria vida é artigo de compra e venda.

2. ILUSÕES PERDIDAS - UMA ANÁLISE DO ROMANCE DE BALZAC

Honoré de Balzac em sua obra intitulada *Ilusões Perdidas* compõe o cenário da vida da província e da vida parisiense do século XIX. Em suas divisões, o livro apresenta três principais temas que nos termos de Herbert J. Hunt³ (1959) dizem respeito a: 1) um jovem, filho de pai plebeu e mãe aristocrata, depois de tentar inutilmente se impor como poeta na “alta sociedade” burra e preconceituosa de sua Angoulême natal, é levado a Paris pela sra. de Bargeton, sua protetora, com o objetivo de angariar fama e fortuna; 2) ao chegar à cidade-luz, Lucien fica à mercê de uma aristocracia mais culta e com acesso à corte, mas que logo se une para enganar, ridicularizar e eliminar o pobre rapaz “angelicamente” belo que espera se alçar à categoria social à qual o berço de sua mãe lhe dá direito; 3) uma vez descartado pela sra. de Bargeton, resta-lhe escolher entre dois modos de provar seu valor: dispor-se a enfrentar um longo período de pobreza e trabalho árduo, o caminho preconizado e adotado pelo austero D’Arthez, ou abraçar o jornalismo e se impor no mundo das letras com a falta de escrúpulos que, segundo Balzac, é a única possibilidade de sucesso rápido para um jornalista ambicioso. Ele opta pelo segundo rumo, mas é demasiado vulnerável para alcançar sua meta. Por conseguinte, esse terceiro tema pode ser considerado o mais importante de *Um grande homem de província em Paris*: a denúncia balzaquiana do jornalismo como uma das mais ruinosas falcatruas de sua época (IP, pp. 11-16).

³ HERBERT J. HUNT foi professor conselheiro no St Edmund Hall de 1927 a 1944, depois, até 1966, professor de Literatura e Língua Francesa na London University e, de 1966 a 1970, professor emérito da Warwick University. Publicou livros sobre a literatura e o pensamento da França do século XIX; também escreveu uma biografia de Balzac e um estudo abrangente de sua obra: *Balzac's 'Comédie Humaine'* (1959). Sua tradução de *O primo Pons* foi publicada pela Penguin Classics em 1968. Ele morreu em 1973. (Nota retirada da edição elaborada pela Penguin Classics: Companhia das Letras, em 2011).

Avareza (palavra recorrente no decorrer de todo o romance), traição e ambição são temas tratados com profundidade por Balzac. A descrição pormenorizada dos personagens e dos ambientes nos quais as histórias se sucedem, inserem o leitor na atmosfera e no contexto em que a obra foi redigida. Todavia tais descrições representam a sociedade burguesa que está se fundando através de graves crises, mais especificamente do nascente capitalismo francês.

O filósofo húngaro György Lukács em seu artigo denominado *Balzac: Les Illusions Perdues* ressalta que a obra balzaquiana foi “aquele novo tipo de romance que exerceu decisivamente influência na evolução literária de todo o século XIX”. Dessa forma, Lucien, um homem de província, tipicamente burguês, depara-se com as mazelas do capitalismo e a brutalidade da vida na grande Paris.

Nesse romance de Balzac ressoa pela primeira vez a trágica casquinada zombeteira em face do principal produto ideológico da própria evolução burguesa; nele vemos, pela primeira vez de modo completo como a economia e o capitalismo levam os ideais burgueses a uma trágica dissolução. (LUKÁCS, 1965, p. 96)

Na produção literária de Balzac percebe-se a forma com a qual a literatura, reduzida a uma simples mercadoria, se tornou objeto de troca. Além disso, nota-se o processo da relação sujeito-objeto, personificada na figura dos jornalistas e dos escritores da época. Aqui também são apresentados elementos decisivos para a crítica da vida política francesa, assim como para a relativização dos limites entre vida pública e vida privada, bem representada pela personagem sra. de Bargeton.

2.1 SENHORA DE BARGETON E O CONCEITOS DE VIDA PÚBLICA PRIVADA

Balzac dedica um capítulo da primeira parte de sua obra para contar a história da senhora de Bargeton, uma mulher que “amava as artes e as letras, gosto extravagante, mania altamente deplorada em Angoulême, mas que se deve justificar esboçando a vida dessa mulher nascida para ser famosa, mantida na obscuridade por circunstâncias fatais, e cuja influência determinou o destino de Lucien” (IP, p. 61).

Educada pelo padre Niollant, um conhecedor dos feitos artísticos, Naïs de Nègrepelisse (assim chamada antes de receber o sobrenome “Bargeton”), desde muito jovem, tomou gosto pela música e literatura. Decidida e alheia à instituição do casamento, a jovem

“repugnava a submeter sua inteligência e sua pessoa aos homens sem valor e sem grandeza pessoal que ela pôde encontrar” (IP, p. 62).

Apesar de sua convicção acerca da não compactuar com a união matrimonial, acaba por se casar como o sr. de Bargeton em virtude de interesses financeiros de seu pai que, apesar disso, “explicou bem cruamente à filha o valor negativo do marido modelo que lhe propunha e a fez perceber o partido que disso poderia tirar para sua própria felicidade” (IP, p. 64), e a razão dos benefícios que a relação com “o quarentão” poderia favorecer, tendo em vista que ela agora estaria “munida de um protetor, poderia cuidar como bem entendesse da própria fortuna, ao abrigo de uma convenção social” (IP, p. 65). Contudo, e em consequência das adversidades da vida,

A necessidade de cultivar a relação com o pai, cuja herança a sra. de Bargeton aguardava a fim de ir para Paris, e que fez o genro esperar tão bem que acabou morrendo antes do sogro, obrigou o sr. e a sra. de Bargeton a morarem na cidade de Angoulême, onde as brilhantes qualidades de espírito e as riquezas brutas escondidas no coração de Naïs deveriam se perder sem fruto e se transformar, com o tempo, em ridículas. (IP, 2011, p. 65)

Desiludida por não conseguir ir a Paris vivenciar a tão almejada liberdade que vislumbrara ao unir-se com o sr. de Bargeton, “o casamento e o mundo foram para ela um mosteiro”. Assim, dedicava-se à poesia como se não existissem outras coisas em sua vida. Após diversos acontecimentos na trajetória da personagem, acaba por inteirar-se da existência de Lucien, “um jovem poeta que, sem o saber, superava em brilho o nascer sideral das constelações parisienses”. Conhecendo da notícia, a sra. de Bargeton “Quis ver o poeta, aquele anjo!, ficou louca por ele, entusiasmou-se, falou dele por horas inteiras. Dois dias depois, o antigo correio diplomático negociava, por meio do diretor do liceu, a apresentação de Lucien na casa da sra. de Bargeton.” (IP, p. 74)

A relação entre Lucien e Naïs tornou-se intensa, já que a nobre fora o primeiro amor do jovem poeta. Ele via nela a oportunidade de um futuro próspero e glorioso, haja vista que a dama mostrava-se protetora e carinhosa para com ele. Trocavam palavras, leituras e apelidos.

A sra. de Bargeton chamou seu poeta de querido Lucien; depois, de querido, somente. O poeta, atrevendo-se, chamou de Naïs a grande dama. Ao ouvi-lo chamá-la por esse nome, ela sentiu uma dessas raivas que tanto seduzem uma criança; criticou-o por chamá-la pelo nome que todos usavam. A orgulhosa e nobre de Negrèpelisse ofereceu ao belo anjo um de seus nomes, quis ser Louise para ele. (IP, 2011, p. 80)

Diversas situações favoreceram a relação entre ambos até que, em dado momento, após inúmeras visitas à casa da sra. de Bargeton, o rapaz decide se declarar para a amada. Entretanto, algumas pessoas aparecem na residência da dama no instante em que Lucien pronuncia-se e a difamação contra o casal se espalha por toda a Angoulême. Tal acontecimento desencadeia uma série de consequências e faz com que a sra. de Bargeton tenha que ir para Paris.

Cumprе esclarecer que a inserção da dama na alta sociedade promoveu uma relação conflituosa entre o espaço da vida pública e da vida privada. Sobre a contraposição entre vida pública e vida privada, LUKÁCS (2011) em seu artigo nomeado *O Romance como epopeia burguesa* destaca a maneira como Hegel a percebe:

No atual Estado de direito, os poderes públicos não possuem por si sós uma figura individual, mas o universal enquanto tal reina em sua universalidade, na qual o caráter vivente do indivíduo é superado ou então secundário ou indiferente”. [Hegel] Por essa razão, os homens modernos, ao contrário dos homens do mundo antigo, separam-se; com suas finalidades e relações “pessoais”, das finalidades da totalidade; aquilo que faz com suas próprias forças o faz só para si e é por isso que ele responde apenas pelo seu próprio agir e não pelos atos da totalidade substancial à qual pertence. (LUKÁCS, 2011, pp. 89-90)

Sabe-se que nas sociedades pré-capitalistas os indivíduos quase não detinham de espaço de vida privada. Os acontecimentos corriqueiros da sociedade faziam parte da vida social e esta era dominada pela igreja. Com a ascensão da burguesia, houve uma subversão nessa dinâmica e o conseqüente surgimento da classe trabalhadora e da divisão da sociedade em camadas. Assim, o espaço da vida privada se alargou e os contrastes entre essas duas esferas também se ampliaram.

Nesse âmbito, a vida da sra. Bargeton pode ser considerada substancialmente pública, tendo em vista que, após a introdução da nobre nas esferas mais altas da sociedade, cada episódio vivenciado era meticulosamente acompanhado pela província e, *a posteriori*, pelo corpo social da França. Nas palavras de Balzac: “Assim, tanto dentro como fora a sra. de Bargeton vivia sempre em público. Esses detalhes pintam toda a província: ali os erros são confessos ou impossíveis” (IP, p. 156). São perceptíveis, também, os efeitos negativos que tal configuração de vida trouxe para as vivências da dama, pois “cansada de viver em público, levada ao extremo por essa tirania da qual o jugo era mais duro que a doçura de seus prazeres, ela pensava em L’Escarbas e meditava em ir até lá ver seu velho pai, de tal forma se irritava com esses miseráveis obstáculos.” (IP, p. 156)

Diante do exposto, é possível traçar um paralelo com os conceitos de vida pública e vida privada no século XXI. Com o progresso das mídias digitais e a consequente utilização das redes sociais por pessoas de todas as idades e classes sociais, verifica-se que parte considerável dos usuários de tais redes as utilizam para que outros usuários tenham acesso a acontecimentos da vida em geral e do cotidiano. Ademais, os influenciadores digitais utilizam de tal recurso para ampliar sua “rede de alcance” e “ditar” certos tipos de comportamento. Além disso, abrem espaço para que seus respectivos seguidores possam acompanhar suas rotinas, criando uma espécie de “aproximação”, com intuito de se promoverem como “pessoas reais” e “alcançáveis”. Acontece que nesse espaço há uma diluição da vida pública e privada dos blogueiros na Era Digital e, muitas vezes, quando estes tentam segregar os dois entendimentos não o conseguem, e acabam por viver uma vida, assim como a sra. de Bargeton, mormente pública.

Para perceber as relações entre a vida da Sra. De Bargeton e a questão da diluição entre público e privado nas redes sociais da atualidade, é interessante considerar o exemplo a seguir:

“Com mais de 13,7 milhões de seguidores nas redes sociais, a(o) blogueira(o) X, está envolvida(o) em uma polêmica. A figura pública, que emagreceu mais de 12 quilos desde que começou sua carreira, foi criticada após a divulgação de um vídeo em que assume ter feito lipoaspiração. Antes disso, havia afirmado em várias ocasiões que a atual forma física havia sido conquistada somente com exercícios e reeducação alimentar.” – Com adaptações. (A fim de preservar a identidade da figura pública, o portal de notícias do qual a notícia foi retirada não será divulgado, tendo em vista que o nome da pessoa está expresso no link).

Nesse *case*, percebe-se, na prática, o que noutro momento fora mencionado. A vida pública da influenciadora está agregada à sua vida pessoal e, grande parte das vezes, são vãs as tentativas de segmentação entre esses dois âmbitos. Do mesmo modo acontece com o destino da sra. de Bargeton que foge de Angoulême para evitar que escandalizem suas vivências, mas que em Paris se depara com as mesmas situações:

Aqui terá rivais bem mais astuciosas e espertas que Amélie, não deixarão de saber quem você é, onde está, de onde vem e o que faz. Você contou com o anonimato, estou vendo, mas é dessas para quem o anonimato não existe. Acaso não encontrará Angoulême por toda parte? São os deputados da Charente que vêm para a abertura das Câmaras; é o general que está em Paris de licença; e bastará que um só habitante

de Angoulême a aviste para que sua vida seja tolhida de estranha maneira: você seria apenas a amante de Lucien. (IP, 2011, p. 182)

2.2 A DIVISÃO DOS POETAS E AS RELAÇÕES DE TRABALHO NA CONTEMPORANEIDADE: UMA RELEITURA DAS VIVÊNCIAS DE LUCIEN NA REVOLUÇÃO DIGITAL

No decorrer do romance, diversas ilusões são perdidas. Uma das mais enfáticas é aquela de Lucien em relação à senhora de Bargeton e a si mesmo. Abandonado na capital francesa pela dama, o jovem poeta passa da autoveneração à vontade de não mais fazer parte deste mundo. Apesar das trágicas experiências, opta por buscar algo diferente na cidade-luz e, depois de tentativas frustradas de vender seus manuscritos, encontra um amigo que o apresenta ao Cenáculo, um grupo de poetas idealistas que se reúne para debater acerca de temas essenciais e que é fiel às suas ideologias. E assim, “no deserto de Paris, Lucien encontrou, portanto, um oásis na rua des Quatre-Vents”.

Essas nove pessoas compunham um Cenáculo em que a estima e a amizade faziam reinar a paz entre as ideias e as doutrinas mais opostas. [...] Todos conversavam sem brigar. Não tinham grandes vaidades, sendo eles mesmos o auditório. Comunicavam uns aos outros seus trabalhos e se consultavam com a adorável boa-fé da juventude. Tratava-se de um assunto sério? O opositor abandonava sua opinião para entrar nas ideias do amigo, tanto mais apto a ajudá-lo por ser imparcial numa causa ou numa obra afastada de suas ideias. Quase todos tinham o espírito suave e tolerante, duas qualidades que provavam sua superioridade. A Inveja, esse horrível tesouro de nossas esperanças frustradas, de nossos talentos abortados, de nossos sucessos fracassados, de nossas pretensões feridas, era-lhes desconhecida. Aliás, todos trilhavam vias diferentes. Assim, os que foram admitidos, como Lucien, na sociedade deles se sentiam à vontade. (IP, 2011, p. 251)

Ao se deparar com o submundo jornalístico da grande Paris, o jovem ambicioso vê a oportunidade de vingança e de ascensão. Nesse sentido, Lucien toma ciência das peculiaridades do mundo literário e sua relação indecorosa com os meios jornalísticos. Concretizando, desta forma, o que preleciona o húngaro Lukács a despeito do romance de Balzac:

E, como os editores, assim pensam os escritores: “– Acredita realmente no que escreve? – pergunta sarcasticamente Vernou. – Mas se não passamos de comerciantes de palavras que tratam dos seus negócios... Os artigos que o público hoje lê e amanhã esquece, têm para mim um só sentido: me são pagos”.” [Lukács]

Por outro lado, os jornalistas e os escritores são explorados, seu talento se transformou numa mercadoria qualquer. São explorados, mas explorados prostituídos: gostariam de tornar-se também exploradores, ou, pelo menos, controlar os explorados. (LUKÁCS, 1965, p. 98)

Destarte, convém trazer à baila o que Marx preconiza acerca da relação homem-trabalho. Como afirma em seus **MANUSCRITOS ECONÔMICO-FILOSÓFICOS**⁴ (1844, p. 80), com a valorização do mundo das coisas aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens. O trabalho não produz somente mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e isto na medida em que produz, de fato, mercadorias em geral. Este fato nada mais exprime, senão: o objeto que o trabalho produz, o seu produto, se lhe defronta como um ser estranho, como um poder independente do produtor. Dessa forma, o trabalho da escrita, bem como a capitalização dos diversos elementos da literatura (nas palavras de Lukács: da fabricação do papel ao sentimento lírico) se tornam estranhos ao escritor. Percebe-se, de maneira semelhante, a forma com que o capitalismo degrada o homem, também pelo embate província e capital, mostrando ao leitor a decadência da vida parisiense, tendo em vista que, em Angoulême, o jovem Lucien era considerado um bom poeta que vislumbrava um futuro brilhante, mas que, ao se deparar com as mazelas da sociedade capitalista, consegue um bom contrato em um jornal por escrever sobre algo que não era o seu propósito inicial, e que o faz apenas por ambição.

Da mesma forma que a literatura se transforma em mercadoria nas ilusões de Lucien, a vida se transforma em um produto da reificação na Era Digital. Milhares de seguidores, patrocínios, inúmeras curtidas em vídeos e fotos, os chamados “recebidos da semana/do mês”, ditam novos comportamentos para a geração do século XXI. O que *a priori* servia para aproximar as pessoas agora se tornou ferramenta de trabalho. Seria, então, o romance balzaquiano uma premonição do que veio a acontecer na realidade vigente? O que muda é o objeto. Agora a própria vida é colocada à venda. Pessoas engenam propagandas ludibriadoras, simulam gostar de determinadas coisas, desenvolvem fórmulas e formas para vender os objetos e se autopromovem com o intuito de ganhar dinheiro. Pode-se dizer que acontece a mesma coisa quando Lucien encontra-se com um grupo de jornalistas e ouve ensinamentos acerca do modo certo de como criticar e elogiar uma obra e seu respectivo autor sem sentir nada do que está redigindo?

⁴ Os manuscritos econômico-filosóficos (1844) apresentam os pensamentos de Marx e a sua abordagem filosófica embasada na crítica da economia política de Adam Smith e David Ricardo.

— Então você dá importância ao que escreve? — perguntou-lhe Vernou de um jeito zombeteiro. — Mas nós somos mercadores de frases, e vivemos de nosso comércio. Quando quiser fazer uma grande e bela obra, um livro, enfim, poderá expressar seus pensamentos, sua alma, afeiçoar-se a ele, defendê-lo; mas artigos lidos hoje, esquecidos amanhã, a meu ver só valem o quanto se paga por eles. Se der importância a essas imbecilidades, então fará o sinal da cruz e invocará o Espírito Santo para escrever um prospecto!

Todos pareceram espantados ao descobrir escrúpulos em Lucien e acabaram de estraçalhar sua toga pretexto para lhe vestir a toga viril dos jornalistas.

— Sabe com que palavras Nathan se consolou depois de ler seu artigo? — perguntou Lousteau.

— Como eu saberia?

— Nathan exclamou: “Os pequenos artigos passam, as grandes obras ficam!”. Esse homem virá ceir aqui depois de amanhã, ele deve se prostrar a seus pés, beijar suas esporas e lhe dizer que você é um grande homem. (BALZAC, 2011, pp. 426 e 427)

3. REIFICAÇÃO E FETICHISMO: DE BALZAC AOS INFLUENCIADORES DIGITAIS

A expansão do capitalismo desencadeou transformações significantes nos papéis, na construção das relações sociais, bem como nas conexões entre a arte e a vida. Nesse viés, uma série de conceitos abordados pela estética marxista auxilia na compreensão de alguns fenômenos já mencionados que são abordados em *Ilusões Perdidas* e que ainda se fazem presentes no século XXI. Dentre eles: a reificação e o fetichismo (as formas específicas de alienação da sociedade capitalista).

Nos **MANUSCRITOS ECONÔMICO-FILOSÓFICOS** (1844), Marx preleciona acerca da reificação. Esta consiste em uma forma particular de alienação, particularidade da estrutura capitalista. Aqui as relações sociais são coisificadas, tendo em vista que sua natureza é expressa por meio do vínculo entre objetos de troca. Em outras palavras, as mercadorias aparentam ter uma vontade independente de seus produtores.

O trabalho externo, o trabalho no qual o homem se exterioriza, é um trabalho de auto sacrifício, de mortificação. Finalmente, a externalidade (do trabalho aparece para o trabalhador como se [o trabalho] não fosse seu próprio, mas de outro, como se [o trabalho] não lhe pertencesse, como se ele no trabalho não pertencesse a si mesmo, mas a um outro. [...] Esta relação é a relação do trabalhador com a sua própria atividade como uma [atividade] estranha, não pertencente a ele, a atividade da miséria, a força como impotência, a procriação como castração. A energia espiritual e física própria do trabalhador, a sua vida pessoal – pois o que é a vida senão atividade – como uma atividade voltada contra ele mesmo, independente dele, não pertencente a ele. O estranhamento-de-si, tal qual acima o estranhamento da coisa. (MARX, 2004, p. 83)

Tais exposições estão bem ilustradas nos escritos balzaquianos no que diz respeito à relação dos jornalistas com a escrita e de Lucien com sua própria carreira como escritor. Como sobreleva Lukács, “a contradição íntima entre o talento poético e a fraqueza humana de Lucien o reduz a um brinquedo nas mãos de todas aquelas tendências poéticas e literárias que estão a serviço do capitalismo” (LUKÁCS, p. 101). E, assim, a ambição excessiva e desordenada faz com que o jovem poeta transforme em coisa a sua relação com a literatura. O que antes era feito pelo gosto de fazer, passa a ser mediado pelo dinheiro e este assume papel de protagonista na vida de Lucien. Dessa maneira, Balzac “com a concatenação mais apurada da ação, abrange todos os fenômenos da capitalização da literatura” (LUKÁCS, p. 102) e da relação homem-literatura dentro dessa nova configuração.

Vê-se que o valor da literatura, na sociedade capitalista, é determinado de maneira independente de quem a produz e cada escritor deve elaborar seus escritos em termos da satisfação de necessidades alheias. À vista disso, a “literatura na sociedade capitalista” e/ou quem “paga por ela” determinam a vontade do escritor (e não o oposto):

- Mas por que você se diverte em mudar o espírito de meus textos? – perguntou Lucien, que só tinha feito aquele artigo brilhante para dar mais força às suas garras.
- Eu? – exclamou Lousteau.
- Bem, então quem mudou meu artigo?
- Meu caro – respondeu Étienne rindo –, você ainda não está por dentro dos negócios. O Ambigu nos pega vinte assinaturas, das quais só nove são entregues, ao diretor, ao maestro, ao administrador, às amantes deles e a três coproprietários do teatro. Cada teatro do boulevard paga, assim, oitocentos francos ao jornal. Ao todo, há igual quantia em camarotes dados a Finot, sem contar as assinaturas dos atores dos autores. Portanto, o malandro consegue oito mil francos nos boulevards. Pelos pequenos teatros, julgue os grandes! Compreende? Somos obrigados a ter muita indulgência.
- Compreendo que não sou livre para escrever o que penso...
- E o que isso lhe importa, se vai ganhando seus trocados? – exclamou Lousteau. (BALZAC, 2011, p. 437)

Essa configuração social ocorre também na contemporaneidade. O triunfo do capitalismo se manifesta na figura dos “digital influencers”, que, com o passar do tempo, passaram, também, a “produzir literatura”. Estes escrevem autobiografias a respeito de suas carreiras e de quais são os “passos para o sucesso”. Ironicamente, muitas vezes, tais livros encontram-se nas entradas de boa parte das livrarias e são bastante procurados pelo público que acompanha os influenciadores nas redes sociais. Neste campo também se inserem os intitulados “poetas da internet” que concebem textos apenas por motivações mercadológicas.

Nota-se, aqui, a reificação tanto do público que consome essa literatura, quanto do fazer literário. A ligação que estes meios de aproximação tentam promover, se apresentando como algo humanizador, acaba por se consolidar como um reflexo não artístico e banal dessa sociedade.

Destarte, como visto, a reificação é a forma de alienação específica da sociedade capitalista e ela se manifesta de diferentes formas nos múltiplos períodos históricos. Ela se consolida no momento em que o fetichismo (característica que faz o homem ver o mundo de maneira deformada) se universaliza e as relações sociais são mediadas, principalmente, por coisas. Assim, nos dias atuais, quando expressões como “o mercado está nervoso” são proferidas, subentendesse que o mercado toma a lugar do homem, em outras palavras, acredita-se que as coisas (qual seja, o mercado) é que regem o mundo e não mais o homem. Sobre a alienação e suas manifestações, Netto (1981) afirma que:

O fetichismo implica a alienação, realiza uma alienação determinada e não opera compulsoriamente a evicção das formas alienadas mais arcaicas. O que ele instaura, entretanto, é uma forma nova e inédita que a alienação adquire na sociedade burguesa constituída. (NETTO, 1981, p. 75)

3.1 MARX E O PROBLEMA DA DECADÊNCIA IDEOLÓGICA BURGUESA: ALGUNS APONTAMENTOS DE LUKÁCS SOBRE QUESTÕES HISTÓRICAS E LITERÁRIAS

O filósofo húngaro Lukács, em seu artigo denominado *Marx e o problema da decadência ideológica burguesa*, aponta considerações relevantes acerca do pensamento marxista no que diz respeito ao pensamento burguês no sentido da apologética e da decadência.

O autor enfatiza que uma das questões fundamentais da preparação ideológica da Alemanha para a Revolução de 1848 foi a tomada de posição em face da dissolução do hegelianismo. Esse período é marcado pelo fato de assinalar a última grande filosofia da sociedade burguesa. Segundo Marx, em sua obra *Dezoito Brumário*:

A burguesia tomava consciência, com razão, de que todas as armas que havia forjado contra o feudalismo voltavam-se agora contra ela; que toda a cultura que havia gerado rebelava-se contra sua própria civilização; que todos os deuses que criara a haviam renegado. (MARX in LUKÁCS, 1968, p.110)

Algumas características da sociedade capitalista são apresentadas, dentre elas a divisão social do trabalho que, apesar de anteceder tal sociedade, adquire uma maior repercussão no período da ascensão do capitalismo. O contraste entre campo e cidade, bem como a separação entre trabalho físico e espiritual são conceitos fundamentais que permeiam a divisão social do trabalho. Tal embate é essencialmente apresentado por Balzac, em *Ilusões Perdidas* (embate campo *versus* cidade), e vivenciado pelos influenciadores digitais do século XXI (separação entre trabalho físico e espiritual).

Lukács, baseado nos escritos de Engels, alega que uma característica peculiar do “avanço” capitalista é que “em tal desenvolvimento até mesmo as classes dirigentes são submetidas à divisão do trabalho.” E segue afirmando que, nesta sociedade edificada pelo caos, os feitos e efeitos da divisão social do trabalho são responsáveis por deformações morais, físicas e psíquicas nos indivíduos.

A divisão capitalista do trabalho, portanto, não se limita apenas a submeter a si todos os campos da atividade material e espiritual, mas se insinua profundamente na alma de cada um, provocando nela profundas deformações, que se revelam posteriormente, sob variadas formas, nas diversas manifestações ideológicas. (LUKÁCS, 1968, p. 62)

Cumprido salientar que tais implicações manifestam-se no destino do personagem de Balzac, quando Lucien se deixa levar pela ambição e pelo desejo de vingança. Também se revela quando os elementos da literatura são capitalizados, tendo em vista que todos os partícipes do processo estão subordinados à divisão do trabalho (o fabricante do papel, o jornalista, o impressor, o dono do jornal, o livreiro e o vendedor). Da mesma forma com os blogueiros da atualidade, que se submetem a promover propagandas, eventualmente enganosas, acerca de livros e diversos produtos, pelo fato de serem patrocinados pelas grandes empresas, ao passo que estas necessitam do trabalho dos influenciadores para expandirem sua rede de alcance.

Outra dimensão sobre a divisão social do trabalho é a da cisão que o capitalismo promove entre o intelecto e o mundo dos sentimentos. Nesse aspecto, a estruturação do mundo capitalista e o seu crescente “esvaziamento da atividade social” promove a pseudocrença de que a vida privada dos indivíduos se concretiza de modo afastado dessa esfera mitificada. Destarte, como figura Lukács, “amor, matrimônio, família são categorias sociais objetivas, “formas” ou “determinações existenciais” da vida humana.”. E, Para Marx, a disposição dos homens para as regras e configurações da divisão capitalista do trabalho

resulta em uma espécie de relação animalesca. Tal característica sobressai naqueles que se subordinam a essa divisão e não insurgem contra essas formas sociais, *in casu*, na figura dos influenciadores digitais.

O desenvolvimento social é assinalado por contradições e “esta viva e dinâmica unidade das contradições no desenvolvimento de qualquer sociedade como um todo, é um traço fundamental da doutrina social do marxismo.” (LUKÁCS, 1968, p. 70). Além disso, a relação entre indivíduo e classe é, também no marxismo, apontada no aspecto dialético da realidade. Desse modo, a autoalienação humana, apesar de ser característica tanto da classe dominante quanto da proletária, se manifesta na primeira como algo confortável, pois para ela “a alienação é uma potência sua e desfruta nela a aparência de uma existência humana”; ao passo que para o proletariado ocorre uma espécie de aniquilação ou seja “a própria impotência e a realidade de uma existência humana” (LUKÁCS, 1968, p. 70).

A arte e a literatura, no período da decadência, foram consideradas matérias privilegiadas quando comparadas às outras áreas de estudo, em razão de representarem os homens e suas respectivas vivências singulares. E, como enfatiza Lukács e prescreve Marx, a “falsa liberdade” que o desenvolvimento da literatura daquele período promove está no fato de as conquistas sociais, em obras da época da decadência, só se revelarem em última instância e abordarem tais feitos de modo superficial.

A dialética complexa e não fatalista da necessidade da decadência ideológica revela, portanto, uma porta de saída individual - por mais difícil que seja - para os melhores realistas provenientes de classes burguesas. (LUKÁCS, 1968, p. 75)

Nesse viés, o autor húngaro faz menção ao “triunfo do realismo” que consiste, em síntese, no processo dialético e complexo da relação do escritor com a realidade que, com a ascensão da decadência ideológica burguesa, encontra-se cada vez mais fragilizada. Para ele “quem vendeu sua alma à apologética, a ponto de compartilhar da deformação da realidade de acordo com as necessidades da classe dominante, está naturalmente perdido como escritor.” (LUKÁCS, 1968, p. 76) Além do mais, a “sinceridade subjetiva” é condição basilar para a consolidação do triunfo do realismo em sua possibilidade abstrata.

Acerca do escritor burguês do período da decadência, vale esclarecer que sua concepção de mundo reflete uma falsificação da realidade, ao passo que, para o escritor espontâneo, também inserido nesse período, há certa desconstrução dessa visão, tendo em vista que ela entra em contradição com a realidade. Assim, o realismo consiste em um reflexo

artístico atemporal para a construção de uma visão crítica e mais ampla do mundo, e a obra de Balzac classifica-se como realista, já que expressa tais características.

3.2 “MODERNIDADE LÍQUIDA”: UM DEBATE SOCIOLÓGICO

Zygmunt Bauman, um sociólogo e filósofo polonês, cunhou o termo “modernidade líquida”. Segundo o estudioso, as relações entre os indivíduos da sociedade vigente tendem a ser cada vez mais rasas e menos estáveis. Dessa forma, o escritor está inserido na contracorrente da atual conjuntura e, assim como Marx e Lukács, busca evidenciar as desumanidades que o capitalismo institui (e o faz no campo da sociologia).

O “derretimento dos sólidos”, traço permanente da modernidade, adquiriu, portanto, um novo sentido, e, mais que tudo, foi redirecionado a um novo alvo, e um dos principais efeitos desse redirecionamento foi a dissolução das forças que poderiam ter mantido a questão da ordem e do sistema na agenda política. Os sólidos que estão para ser lançados no cadinho e os que estão derretendo neste momento, o momento da modernidade fluida, são os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas – os padrões de comunicação e coordenação entre as políticas de vida conduzidas individualmente, de um lado, e as ações políticas de Coletividades humanas, de outro (BAUMAN, 2001, p. 13).

Como preleciona o autor, há na atualidade, por assim dizer, “uma redistribuição dos “poderes de derretimento” da modernidade”. Nenhum padrão foi “quebrado” sem que houvesse a implantação de outro.

As pessoas foram libertadas de suas velhas gaiolas apenas para ser admoestadas e censuradas caso não conseguissem se realocar, através de seus próprios esforços dedicados, contínuos e verdadeiramente infundáveis, nos nichos pré-fabricados da nova ordem: nas *classes*, as molduras que (tão intransigentemente como os *estamentos* já dissolvidos) encapsulavam a totalidade das condições e perspectivas de vida e determinavam o âmbito dos projetos e estratégias realistas de vida. (BAUMAN, 2001, p. 14 - destaquei)

Nesse viés, o homem contemporâneo está incumbido de usar sua “liberdade” para encontrar “o nicho apropriado” e nele se instalar “seguindo fielmente as regras e os modos de conduta identificados como corretos e apropriados para aquele lugar”. Há, de fato, um rompimento com os valores sociais fundados na tradição (e isso em diversos campos da vida: religião, obrigações e papéis) que são “derretidos” pelo progresso moderno. Como afirma FRAGOSO (2011), tal processo pode ser expresso na frase clássica de Marx, “tudo que é sólido se desmancha no ar”. Desse modo, o conceito de “modernidade líquida” evidencia na

contemporaneidade a inversão de valores dentro da sociedade digital. Há uma troca das vivências reais pela valorização extremada de uma vida virtual.

4. CONCLUSÃO

- A IMPORTÂNCIA DA ARTE/LITERATURA EM UM MUNDO FRAGMENTADO

Como visto no decorrer deste artigo, a expansão dos ideais burgueses emergiu, principalmente, na segunda metade do século XIX, devido às Grandes Revoluções. Com a Revolução Francesa, houve uma mudança profunda na vida social daquela época e, diante das contradições do capitalismo, a Burguesia estagnou – não avançou e não retrocedeu. Em vista de seus próprios interesses e em confronto com a necessidade histórica de avançar, a burguesia rompeu com o proletariado e o campesinato, que, até então, eram os seus aliados. Ela abriu mão do seu ideário revolucionário e se uniu aos princípios da antiga aristocracia para se manter como classe dirigente. Assim, iniciou-se a Fase Apologética da Burguesia (com o declínio ideológico da burguesia) e as contradições do sistema capitalista passaram a ser ainda mais notórias. Nesse contexto, surge o romance como uma forma de interpretar o mundo e tentar compreender as suas transformações. Os artistas percebem a arte como uma potente força humanizadora, pois é através dela que pode ocorrer uma desautomatização na visão reificada e individualista, implantada pelo sistema capitalista e que vigora até hoje.

Com *Ilusões Perdidas* Balzac criou um novo tipo de romance da desilusão, mas sua obra supera em larga escala as formas que esse tipo de romance assumiu no século XIX. [...] Balzac mostra-nos o processo de formação do capitalismo no terreno do espírito, enquanto os seus sucessores, mesmo os maiores, como Flaubert, encontram-se como que diante de um fato consumado: todos os valores humanos já estão incluídos na relação capitalista de mercadoria para mercadoria. [...] Balzac pinta a última batalha em grande estilo contra a degradação capitalista do homem, seus sucessores descrevem o mundo capitalista já degradado. [...] A combativa participação na grande luta pela liberdade humana capitalista: o furor da luta contra a depravação abandona o posto a uma ironia impotente e altiva que ataca pelos flancos. (LUKÁCS, 1965, p. 114)

A degradação do homem ao nível mais baixo, as mazelas de um mundo fragmentado, a “liquidez” das relações sociais, as desumanidades que o sistema capitalista trouxe nos aspectos físicos, psíquicos e morais à vida do homem, tudo isso Balzac consegue captar. Sua magistral e atemporal, por assim dizer, obra de arte remete o leitor à sociedade francesa

daquela época ao mesmo tempo em que o leva a refletir sobre a decadência, também, da modernidade. Os mesmos sentimentos que moviam Lucien trazem uma reflexão sobre como a ambição corrompe a humanidade, em especial no século XXI.

Verifica-se, dessa maneira, o papel crucial da literatura na atualidade. Apesar da mercadologização da literatura e da sua transformação em produto de compra e venda, tudo isso fruto do capitalismo, que transformou o mundo em um lugar hostil à arte, a verdadeira literatura, aquela grande arte desfetichizadora, capaz de demonstrar a essência das aparências reificadas da sociedade, é libertadora. E é isso que se pode dizer do livro escolhido para a análise no decorrer deste artigo.

A natureza dialética do livro *Ilusões Perdidas* faz o leitor enxergar a realidade como ela realmente é (seja no mundo parisiense do século XIX, seja na “modernidade líquida” do século XXI). Isso porque demonstra a aparência fetichizada da realidade daqueles personagens (que também é a realidade do autor) ao mesmo tempo em que revela a essência humana nas ações dos indivíduos.

Posto isso, qual seria, então, o papel da literatura? Acredita-se que o caráter humanizador da literatura sirva para amenizar os reflexos das desumanizações comandadas pelo capitalismo. A globalização, diluída neste artigo na figura dos “influenciadores digitais”, não deixa de ser um sintoma do avanço capitalista. Com o advento das redes, pode-se dizer que as ilusões de Lucien foram atualizadas e os influenciadores representam um reflexo não artístico e banal da sociedade vigente? Sim, a acrônica obra balzaquiana traz à tona confrontos que são experienciados na sociedade corrente, entretanto o que torna grande parte dos “digital influencers” produto do capitalismo, e conseqüente reflexo superficial e não artístico, é a forma com que estes “vendem suas vidas” em prol do dinheiro. Deixa-se de experienciar algo verdadeiro e a vida torna-se objeto. Em vista disso, este tópico é encerrado com a impecável percepção de Balzac acerca da ambição:

Na vida dos ambiciosos e de todos os que só conseguem triunfar com a ajuda dos homens e das coisas, graças a um plano de conduta mais ou menos bem concertado, seguido, mantido, chega um cruel momento em que não sei qual força os submete a duras provas: tudo falta ao mesmo tempo, de todos os lados os fios arrebentam ou se embaralham, a desgraça aparece em todos os cantos. (BALZAC, 2011, p. 510)

A imediatez das relações interpessoais e a ratificação da forma com que o capitalismo lida com questões fundamentais são desveladas tanto nos personagens da obra de Balzac, como na relação do homem do século XXI com o mundo cibernético em voga. Assim, após

essa análise, vale ressaltar que três dos pilares que sustentavam a sociedade burguesa do século XIX podem ser identificados na atual configuração: 1) fixação na superfície das coisas; 2) tendência à evasão dos problemas sociais; 3) terrível ecletismo (tudo é válido), ou seja, tudo tem o seu direito de existir na decadência do mundo capitalista.

5. REFERÊNCIAS

BALZAC, Honoré de. **Ilusões perdidas**. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

COTRIM, Ana. **Literatura e realismo em György Lukács**. Porto Alegre: Zouk, 2016.

FRAGOSO, T. O. **Modernidade líquida e liberdade consumidora: o pensamento crítico de Zygmunt Bauman**. Revista Perspectivas Sociais Pelotas, Ano 1, N. 1, p. 109-124, março/2011.

LUKÁCS, György. “Balzac: Les Illusions Perdues”. In: **Ensaio sobre literatura**. Tradução de Giseh Vianna Konder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965, p. 95-114.

_____. “Marx e o problema da decadência ideológica”. In: **Marxismo e teoria da literatura**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

_____. “Narrar ou descrever?”. In: **Ensaio sobre literatura**. Tradução de Giseh Vianna Konder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965, p. 60-94.

_____. “O romance como epopeia burguesa”. In: **Arte e sociedade: escritos estéticos 1932-1967**. Organização, introdução e tradução de Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011, p. 193-243.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

NETTO, J. P. **Capitalismo e reificação**. São Paulo: Ciências Humanas, 1981.